

A AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: Reflexões sobre o papel do aluno

Rio de Janeiro – RJ – Maio 2010

Ronaldo J. Santos - IAVM - UCAM – ronaldohistoriador@gmail.com

Mônica Camara - IAVM - UCAM - mg.camara@terra.com.br

Categoria (B)

Setor Educacional (3)

Natureza do Trabalho (A)

Classe (1)

Resumo

A Educação a Distância (EaD) diz respeito a todo o processo de ensino-aprendizado onde a presença física de alunos e professores é substituída pela mediação tecnológica. Esse estudo traça um pequeno histórico da EaD no mundo e no Brasil, pois consideramos fundamental recorrer a ele para compreender alguns pontos dessa modalidade educativa que atende cada vez mais à demanda dos alunos por uma nova forma de aprender, tornando assim possível analisar as principais mudanças paradigmáticas apontadas como fundamentais pelos estudiosos do assunto, com ênfase no que diz respeito aos papéis do professor e do aluno, para que a EaD cumpra, de fato, o seu objetivo, ou seja, proporcionar experiências plenas e continuadas de produção colaborativa de conhecimento. Chegando a conclusão de que sozinhas as ações que dizem respeito a reestruturação curricular, o desenvolvimento de novas e criativas plataformas de aprendizagem e a “reinvenção” do professor não são suficientes para alcançar os resultados desejados. Elas necessitam da “reinvenção” do alunado, elemento central de todo o processo e cuja mudança de atitude em relação ao ato de aprender é fundamental para que as demais transformações se efetivem.

Palavras-chave: Educação a distância; autonomia, o papel do aluno.

1. INTRODUÇÃO

Parece-nos opinião unânime entre estudiosos que a questão da democratização do acesso ao conhecimento e o futuro da educação passam pela Educação a Distância (EaD) em suas diversas modalidades. A EaD formal tem início nos EUA no final do século XIX com o primeiro curso por correspondência na Universidade de Chicago, e paulatinamente se propaga pelo mundo. Na Inglaterra de 1970 tem início uma universidade voltada para o conceito de EaD. A Open University, nas décadas de 70, 80 e 90, agrega a tecnologia disponível ao ensino, servindo de referência para vários países.

A EaD no Brasil inicia em 1904, com cursos profissionalizantes por correspondência. Nesse período, a primeira geração em EaD, essa forma de ensino era muito pouco conhecida pelos brasileiros. Após inovações tecnológicas como o telefone, o rádio e a TV, chegamos à segunda geração. Cursos supletivos a distância oferecidos por fundações privadas tinham aulas transmitidas por satélite, complementadas por kits de materiais impressos. Na segunda metade da década de 1990, com a emergência das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), têm início as instituições de ensino superior com o conceito de Universidade Virtual e a terceira geração da EaD.

A inclusão das TICs na EAD leva à predominância do e-learning (utilização da Web 2.0 e de ambientes virtuais de aprendizagem como mediação entre aluno e conteúdo e entre aluno e professor), transpondo barreiras geográficas e acabando com a necessidade de que essa interação seja síncrona e presencial. Essa nova realidade exige uma transformação nos paradigmas que norteiam há séculos o processo ensino-aprendizagem. Modificam-se os conceitos de presencialidade, de aula, se re-significam os conceitos de ensinar e aprender, se reorganizam os espaços onde esse processo ocorre – a casa ou o escritório também se convertem em “salas de aula” – e os cursos virtuais superam os presenciais Moran (1994, p.2) Todas essas transformações exigem uma redefinição dos papéis dos atores deste processo, em especial daqueles que se situam nas extremidades: professores e alunos. Desaparece a figura do professor como emissor unilateral de conhecimentos em torno do qual gravitam os alunos. Essa reengenharia educacional exige a formação de equipes multidisciplinares cujas competências

se completem e que a hierarquização de funções seja substituída pelo trabalho colaborativo. Nesse cenário o professor perde o status de “farol” a guiar o caminho para assumir o papel de gestor do processo ensino-aprendizagem, de ser o *link* entre os saberes prévios dos alunos e os conteúdos propostos no sentido de produzir novos saberes, de levá-los a construir o próprio conhecimento dentro de uma abordagem bem mais próxima do sócio-interacionismo imaginado por Piaget e Vygotsky. Não se trata mais de saber como ensinar, mas de focar no “como aprender”, de compreender como esse processo ocorre e propor estratégias para transpor as dificuldades que o obstaculizem. Além disso, esse professor deve ter um conhecimento razoável das ferramentas tecnológicas, sobretudo as de informática, o que lhe facilita propor novas estratégias de interação e a transposição de conteúdos específicos para as mais diversas mídias (Carvalho, 2007). Por fim, exige-se desse profissional flexibilidade para trabalhar em equipe, humildade para auto-avaliar-se e aceitar críticas, sabedoria para propor novas estratégias pedagógicas, abertura para a negociação e diálogo constante com colaboradores e alunos. Segundo Authier (apud Carvalho, 2007), professores são “produtores quando elaboram as suas propostas dos cursos; conselheiros quando acompanham os alunos, e parceiros quando constroem com os especialistas em tecnologias abordagens inovadoras de aprendizagem”.

Na outra extremidade estão os alunos, protagonistas de todo o processo. Para eles estão voltadas as inovações, neles deságuam as estratégias, para eles são pensadas as plataformas de interação e aprendizagem. Em seu nome são redefinidos paradigmas sobre a educação e o papel do professor. Em EaD os alunos são convidados a participar, instigados a pesquisar e trocar saberes, incentivados a ser autônomos, a construir os próprios saberes, a re-significar conceitos e a ser parte do processo da construção do conhecimento. A pergunta é: esses alunos estão cientes disso, preparados e dispostos a assumir este novo papel? Este artigo pretende aprofundar o estudo das transformações em curso, levantando questionamentos e problematizando o papel dos alunos dentro dessa verdadeira reengenharia da educação imposta pelo intenso fluxo de mudanças que vêm no bojo das tecnologias postas a serviço da produção de conhecimento e da crescente generalização da EaD.

2. O PAPEL DO ALUNO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Um aspecto sempre presente nas discussões sobre o papel e a responsabilidade do professor em EaD é o alto índice de evasão.

Estudos que versam sobre o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos em formação em EaD apresentam altos índices de evasão, mas poucos retratam o perfil desses alunos e a relação existente entre eles, a escolha por essa modalidade, os processos de ensino vivenciados e as causas da evasão. (FRAGA, 2005, p.224)

Ao contrário, estudos discutem o papel do professor, a necessidade de metodologias que favoreçam a aprendizagem. Fala-se em desenvolver a autonomia do aluno, em colocá-lo como foco do processo educacional. Mas quem é esse aluno? Ele está pronto para desenvolver essa autonomia?

Formar-se a distância implica condições diferentes da escolarização presencial. Quem procura um curso e pretende realizá-lo a distância precisa estar diretamente implicado com a sua formação, responsável pela aprendizagem e vigilante às suas dificuldades. (FRAGA, apud GATTI, 2005, p.225)

A autonomia é fundamental em qualquer aprendiz tanto na educação presencial quanto a distância, pois em ambas existe o desafio de encontrar novos modelos de aprendizado, desafio este que diz respeito a organizações, professores e alunos. Ensinar a aprender não é somente estar numa sala de aula, mas também modificar o que é feito nela. Fica clara, nesse contexto, a necessidade da formação de sujeitos capazes de “tomarem as rédeas” da sua própria aprendizagem. Mas como formar tais sujeitos? Essa necessidade não é privilégio dos cursos à distância, mas de qualquer curso de graduação que se proponha a formar profissionais-cidadãos competentes. Silva (2004, p.2) demonstra a necessidade de desenvolver uma prática pedagógica que não privilegie apenas a aquisição de conteúdos curriculares. Galeffi (apud Silva, 2004) diz que “é preciso potencializar a educação humana do sujeito social autônomo e inventivo”.

Formar os sujeitos capazes acima descritos é um dos papéis da educação. Para Silva tal papel envolve fatores como a aquisição de consciência crítica, criativa, participativa. Demanda uma formação que assegure o domínio de conteúdos, a compreensão dos princípios que fundamentam o ensino numa visão globalizada da cultura e referências teóricas para a análise e interpretação da realidade, além de uma ação educativa capaz de vincular teoria e prática dentro dos contextos sócio-políticos e culturais.

Essa formação é em geral propiciada durante os primeiros semestres do curso de graduação, em disciplinas como Metodologia Científica, Filosofia, História da Educação Física ou do Direito, conforme o curso. Ao cursá-las, percebe-se na maioria dos alunos uma experiência de sentir-se perdido, sem saber o que fazer ou como desenvolver os trabalhos solicitados, com a sensação de não saber o porquê de cursar aquela disciplina. A presença em sala de aula, combinada com os prazos e cobranças, em geral o leva a superar estes sentimentos e dar um pontapé inicial no desenvolvimento da sua autonomia enquanto aprendiz. Na EaD, por outro lado, é necessário que o aluno já tenha hábitos de estudo formados para ser senhor do seu próprio aprendizado. De acordo com Arcúrio (2008, p.2)

A autonomia é uma conquista e se consolida com a maturidade, o crescimento e a convivência (...) A autonomia na aprendizagem requer disciplina, decisão, organização, persistência, motivação, avaliação e responsabilidade.

Torna-se importante discutir também o conceito de distância transacional desenvolvido por Michael Moore (apud Mattar Neto, 2008), segundo o qual a distância física e temporal entre aluno e professor cria um novo espaço que deve ser considerado pedagógico e psicológico, pois nele se estabelecem relações interpessoais. O que determina a distância (ou aproximação) transacional é o grau de interação entre alunos e professores, alunos com alunos e alunos com conteúdos. Se, por um lado, cabe ao professor desenvolver objetos de aprendizagem interativos diminuam a distância transacional, por outro cabe ao aluno exercer papel ativo no processo educativo, ao invés de ser um simples receptor de conteúdos. Ao disponibilizar continuamente orientações e materiais, a EaD rompe com o aspecto temporal do ensino. Mas esta facilidade de acesso não significa um aumento no tempo que o aluno estuda, pois é notória a falta da cultura do trabalho autônomo. A atemporalidade e o possível aumento da distância transacional tornam-se assim obstáculos no processo de aprendizagem. "A compressão espaço-tempo ou a redefinição destas duas categorias tão essenciais ao ser humano provoca uma dificuldade em lidar com o tempo, que sempre parece mais longo do que é de fato". (CARVALHO, 2007 p.3) A flexibilidade oferecida pela EaD, atrativo que certamente influencia na escolha por ela, torna-se inimiga quando pensamos que, "independente das expectativas criadas pelo aluno, sua história escolar é dentro de uma escola tradicional (...) Não existe no histórico deste

aluno incentivo algum para a construção do conhecimento crítico e autônomo" (Carvalho, 2007, pp.4-5). Gerenciar o tempo destinado ao estudo não é tarefa simples. Demanda um longo e difícil processo de adaptação.

A dificuldade do aluno em construir autonomia leva à evasão. Arcúrio ressalta que o "sentimento de comprometimento com o processo de aprendizagem não é algo permanente e, por isso, sofre mutações. Aprimorá-lo (...) não é um desafio exclusivo da educação a distância, mas da educação". Alves e Junior (2006), com base em relatórios gerados pelo *moodle*, ratificam que muitos "aprendentes" têm enorme dificuldade em serem os senhores do próprio aprendizado. A falta de leituras dos textos disponibilizados, o reduzido número de participantes nas tarefas *online*, somadas a visitas ao ambiente virtual apenas para "marcar presença" apontam para a forma passiva como grande parte do alunado se coloca diante do processo ensino-aprendizagem.

Vivemos uma época sem precedentes na história da humanidade, onde o acesso a diversas formas de mídia e tecnologia é mais presente na vida de todos do que em épocas passadas. Boa parte dos jovens interage cotidianamente com PCs, celulares e ferramentas da Web 2.0. No entanto, essa interação se verifica num contexto de lazer, e ainda que traga ganhos em termos de conhecimento, não é um conhecimento sistematizado. Diante de plataformas de aprendizagem que convidam à interação e possibilitam a flexibilidade, mas em troca exigem autonomia, sem a qual a tão sonhada construção dialética do conhecimento não pode fecundar, surge a solidão, a sensação de isolamento, de abandono e a distância transacional. O uso de ambientes de aprendizagem que possibilitem a imersão virtual, como o *Second Life*, poderiam ser uma solução para minimizar o problema da sensação de isolamento, por trazer de volta a fisicalidade para a aprendizagem (Mattar Neto, 2008). Mas a sensação de compartilhamento e o ambiente lúdico do *Second Life* não eliminam a necessidade de autonomia. O momento de aprender e processar as informações recebidas é particular, solitário, autônomo. Saldanha (2008) afirma que "a solitude criativa realiza-se como uma necessidade do processo de formação, correspondendo a uma dimensão individualizada da relação dialógica entre os saberes". O compromisso do aluno com esse momento e a pré-disposição de aprender são ingredientes fundamentais no processo de aprendizagem. Sem ele não importam quais sejam as estratégias

escolhidas, simplesmente não há aprendizagem. Encorajar esse "isolamento criativo" é tarefa dos profissionais de educação.

2.1 O Desenvolvimento da Autonomia

Autonomia é algo que se exerce no "isolamento criativo". Além de independência, ser autônomo requer autodeterminação e as capacidades de tomar decisões e de regular o processo de aprendizagem. "Autonomia é a responsabilidade de estar no comando do seu próprio aprendizado."

(ANDRADE, 2003) Sabemos, entretanto, que poucos alunos possuem esta vivência, por jamais a terem exercido ou serem solicitados a fazê-lo. "A autonomia deve, por conseguinte, ser ensinada e conquistada" (NICOLAIDES E FERNANDES, 2001, apud ANDRADE, 2003). Para um aluno autônomo, precisamos antes de um professor autônomo. Todavia, o professor, na sua vivência enquanto aluno e durante sua formação docente, é preparado para ser centralizador, tomar as decisões e assumir o controle da sala de aula. Já o aluno acostuma-se com o aprendizado passivo, com conteúdos apresentados para serem apenas reproduzidos. Este aluno, muitas vezes, resiste quando dele se espera produção e construção de conhecimentos. Um exemplo desta atitude pode ser vista no ensino de línguas estrangeiras (LE), onde "a autonomia ganhou força com o surgimento do método comunicativo, uma vez que este modificou o papel do aprendiz, buscando torná-lo sujeito de sua aprendizagem, descentralizando o papel do professor" (ANDRADE, 2003).

Seguindo princípios humanistas e não comportamentais, a Abordagem Comunicativa (...) rompe com as técnicas de memorização, prega que usamos a linguagem para comunicar intenções, as quais esperamos ter algum efeito sobre aquele que nos escuta. (...) Representa uma completa mudança no ensino de idiomas, uma vez que além de mudar o foco do processo do professor para o aluno, que deve agora ter um papel ativo e não receptivo no processo de aprendizagem, faz do professor um facilitador e não de provedor de explicações ou conhecimento. O foco principal do processo é o aprendiz, juntamente com suas necessidades e expectativas, considerando cada um deles como um indivíduo único, explorando assim seus potenciais e habilidades próprias. (CAMARA, 2010)

Podemos afirmar que, no contexto de ensino de LE, existem professores capazes de promover uma pedagogia para a autonomia, face a congressos e materiais disponibilizados por associações da área. Muitos alunos resistem a esta forma de ensinar e aprender. Demandam do professor regras gramaticais e listas de vocabulário, ao invés de construírem formas lingüísticas a partir do que lhes é apresentado. Tal fato deve-se "às representações e práticas

anteriores dos alunos, determinadas por uma tradição tendencialmente reprodutora da educação (...) requerendo frequentemente uma ação de descondicionamento psicológico e metodológico. Assim, o grau de direção a exercer pelo professor dependerá do grau de autonomia dos seus alunos” (VIEIRA, 1999). Promover a autonomia do aprendiz torna-se assim tarefa nada fácil.

2.2A Importância de Rotinas e Hábitos de Estudo

Um artigo recente baseado em uma pesquisa encomendada e publicada pelo semanário *Época* corrobora a necessidade de autonomia e menciona a rotina de estudos, ainda falha em diversos alunos, reiterando a importância do empenho dos discentes e do acompanhamento dos pais:

A pesquisa (...) detectou conceitos ultrapassados de como impulsionar o conhecimento. A maioria dos pais presta demasiada atenção às notas e preocupa-se menos em estimular a leitura ou acompanhar se a criança esta aprendendo. (...) Isso é pouco, principalmente em um país como o Brasil que não tem avançado satisfatoriamente na área de educação. Um relatório do Ministério da Educação mostra que atingimos apenas um terço das metas do Plano Nacional da Educação, entre 2001 e 2008. A evasão escolar no ensino médio aumentou de 5% para 13%. (...) No entanto, há ilhas de excelência. Há alunos brilhantes, curiosos, esforçados, interessados, capazes. São meninos e meninas comuns, de colégios públicos e privados, pobres ou ricos, que vão para a escola e... aprendem. (*Época*, nº 616, 2010).

O artigo segue listando exemplos que deixam claro que tão importante quanto “modernizar” o ensino e requalificar os profissionais de educação para atuarem dentro de uma nova perspectiva na relação professor/aluno é que os pais assumam a tarefa de educar os seus filhos e que os alunos assumam o seu papel de estudantes. Um dos casos listados é de um adolescente da zona oeste carioca que estuda em tempo integral no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Fkowsky Fonseca (CEFET), avaliada como uma das melhores do país. O adolescente sai de casa às 5h e só retorna às 20h30. Ainda assim costuma estudar até às 22h, incluindo ainda ao menos duas horas de estudos aos domingos. O rigor se deve ao baque sentido ao entrar para a CEFET. Mesmo sendo um dos melhores alunos da escola pública onde estudava, o desnível entre o que aprendera comparado a outros alunos da escola técnica, oriundos de classe média, era enorme. Conseguiu assim reverter o quadro de conceitos baixos das primeiras avaliações. Casos com o desse adolescente reforçam a importância do empenho pessoal na aprendizagem. Nenhum

recurso tecnológico, nenhum professor, nenhuma estratégia pedagógica pode substituir o aluno na tarefa de aprender. Essa é a parte que cabe a ele e é um dos componentes essenciais do processo ensino/aprendizado e, ainda mais importante, quando essa se faz à distância.

3. CONCLUSÃO

O objetivo maior da EaD é a democratização da educação e seu valor educativo não está na tecnologia, mas na construção do conhecimento. Acreditamos que, qualquer que seja a modalidade escolhida para tal processo, o desejo de aprender deva ser maior do que o desejo de saber. Para exercer a capacidade de aprender e construir conhecimentos o aluno deve ter papel ativo e independente, exercendo ações sobre o conteúdo que recebe e formando novos conceitos a partir dele. Sabemos, entretanto, que a maioria dos alunos não possui ou exerce tais características em sua prática de aprendizagem, não importando a modalidade em que esteja inserido. O modelo educacional do país ainda pode ser visto como tradicional, onde o professor transmite o conhecimento e o aluno o reproduz – não é incentivada a solitude criativa. O professor, por sua vez, reflete na sua prática profissional o mesmo modelo educacional no qual foi formado. Fala-se muito em outras abordagens pedagógicas que não a tradicional, mas sabemos que a aplicação dos princípios de tais abordagens não é parte da maioria dos cursos de docência, tanto no nível médio como no superior.

Um dos maiores desafios da EaD hoje no Brasil é treinar profissionais que atuem como mediadores da aprendizagem, capazes de mudar o foco do processo educacional do professor para o aluno. Este professor deverá ainda ser capaz de mostrar ao aluno a importância do seu papel ativo no processo, orientando seus hábitos de estudo, estimulando interações e realizando avaliação contínua de todo o processo educacional. Mas não podemos esperar que, em curto prazo, esse profissional seja capaz de transformar as características do aprendiz. As políticas públicas na área da educação têm privilegiado a busca do diploma e não do conhecimento. Ainda que se ouçam discursos pautados por um instrumental sócio-construtivista, o ato de aprender tem sido tratado como um processo exterior ao aluno. Não adianta só requalificar quem ensina, é necessário requalificar quem aprende. Só assim

será possível re-significar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o ato de cumplicidade e não prática passiva como tem sido até hoje.

O fato do aluno não ter autonomia para buscar dúvidas de conteúdo e não encarar a "busca" como parceria torna-se ainda mais grave na EaD, prejudicando seu aprendizado e levando a altos índices de evasão. O caminho é trabalhar a autonomia do ato de aprender independente da modalidade de ensino. Percebemos, portanto, a urgência de uma transformação no processo educacional desde o ensino fundamental, a fim de proporcionar a todos os alunos a aquisição de hábitos de estudo e, principalmente, ensiná-los a exercer a autonomia e a responsabilidade sobre seu próprio aprendizado.

4. REFERÊNCIAS

- [1] ALVES, L.R.G.; LIMA JUNIOR, Arnaud de. **Educação e contemporaneidade: novas aproximações sobre a avaliação no ensino online**. In: Marco Silva e Edméa Santos. (Org.). Avaliação da aprendizagem em educação online. 1a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, v. 01, p. 67-78.
- [2] ANDRADE, Juliane Cristina – **O Desenvolvimento da Autonomia de Professores de Inglês em Formação**. Escola Técnica de Formação Gerencial, Contagem, MG, 2003
- [3] ARCURIO, Michelle Salgado Ferreira. **Autonomia do Aprendiz na Educação a Distância** – P@rtes Revista Virtual Site www.partes.com.br/educacao/autonomiadoaprendiz.asp , 2008
- [4] CAMARA, Mônica **Otimização na Elaboração e (Re)Utilização de Objetos de Aprendizagem no Ensino da Língua Inglesa Dentro da Abordagem Comunicativa**. Instituto A Vez do Mestre, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, RJ, 2010
- [5] CARVALHO, Ana Beatriz . **Os Múltiplos Papéis do Professor em Educação a Distância: Uma Abordagem Centrada na Aprendizagem** In: 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – EPENN. Maceió, 2007.
- [6] FRAGA, Giulia Andione Rebouças. **Educação a Distância: Onde Está o Sujeito?** Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2005
- [7] MATTAR NETO, João Augusto. **O Uso do Second Life como ambiente virtual de aprendizagem**. In: 31ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, 2008.
- [8] MORAN, José Manuel. **O que é Educação a distância**. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>> Acesso em 09 de maio de 2009.
- [9] SALDANHA, Luís Cláudio Dallier - **Concepções e Desafios na Educação a Distância** – UNICOC, Ribeirão Preto, 2008
- [10] SILVA, Antônio Carlos Ribeiro. **A Educação a Distância e o seu Grande Desafio: o Aluno como Sujeito de sua Própria Aprendizagem**. Faculdade Baiana de Ciência, Salvador, 2004.
- [11] VIEIRA, Flavia – **Pedagogia da Dependência e Pedagogia Para a Autonomia**. Grupo de Trabalho Pedagogia Para a Autonomia, *Cadernos*, Universidade do Minho, 1999
- [12] *Revista Época*, nº616 - **“Como Se Forma Um Bom Aluno”**, 2010